

1

Do(i)s nomes próprios: Ludwig Wittgenstein e Samuel Beckett

Começo simplesmente por dizer que neste trabalho sobre os nomes próprios, dois deles ganham um espaço central: Ludwig Wittgenstein e Samuel Beckett.

Ao me dispor a reclamar os legados associados a esses dois nomes, enfrento de saída uma resistência que quero registrar desde já, não apenas por ser um embaraço inevitável mas também por ser potencialmente produtivo. Pois os pensamentos sobre os nomes próprios que encontro — e invento — nas escritas desses dois autores não poderiam deixar de se dobrar sobre os seus próprios... nomes próprios.

Veremos que essas escritas nos dão, entre muitas outras coisas, vez para pensar os nomes próprios mais como construtos sociais do que como representações de entidades singulares bem definidas e unificadas. Assim, os nomes *Wittgenstein* e *Beckett* não serão compreendidos de forma adequada se tomados como emblemas ou metonímias para dois conjuntos coerentes e singulares de “produções” daqueles dois “espíritos geniais” — as palavras que nos deixaram junto com suas respectivas assinaturas não serão a forma exterior de conteúdos intrínsecos, não serão propriamente aquilo que *dizem*, mas antes aquilo que *fazem* ou *podem fazer*.

Este é, no entanto, um trabalho que atenta ainda, em um sentido importante, para esses dois nomes em particular; é um trabalho nascido da admiração e do interesse pelo que nos foi deixado por esses dois indivíduos — que não pode negar que reconhece nos escritos desses autores dicções muito singulares, oportunidades únicas.

Quem fala nos escritos de Beckett e de Wittgenstein? “Que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala?”. A célebre frase de Beckett se converteu em mote para Foucault, em seu ensaio clássico sobre a autoria, retornando depois, de forma talvez mais relevante para este trabalho, na voz de Giorgio Agamben. Em seu *Profanações*, este último objeta à conhecida apropriação foucaultiana do dito de Beckett — aquela pela qual entende que a marca do autor está unicamente na singularidade de sua ausência. Lembra

Agamben (2007, p.55) que a citação de Beckett apresenta uma contradição importante, instrutiva: “há (...) *alguém* que, mesmo continuando anônimo e sem rosto, proferiu o enunciado, alguém sem o qual a tese, que nega a importância de quem fala, não poderia ter sido formulada”; observa, pois, que “o mesmo gesto que nega qualquer relevância à identidade do autor afirma, no entanto, a sua necessidade”. E em um espírito wittgensteiniano muito pertinente para este trabalho, conclui que “uma subjetividade produz-se onde o ser vivo, ao encontrar a linguagem e pondo-se nela em jogo sem reservas, exhibe em um gesto a sua própria irreduzibilidade a ela” (Ibid., p.63).

Aceitando com Agamben (2007) a noção do “autor como gesto”, perguntamo-nos: o que distingue os gestos de Beckett e de Wittgenstein? Embaraços parecem de novo se anunciar para quem, como eu, deseja tomar suas escritas por “objeto”, ainda mais de uma “tese” — para quem quer, como se disse acima, reclamar aquilo que elas nos deixaram. Pois tanto um quanto outro insistiram que não desejavam propriamente legar nada.

A filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo. Pois também não pode fundamentá-lo. **A filosofia deixa tudo como está.**¹ [grifo meu] (Wittgenstein, *IF* §124).

Por isso perdoe-me se novamente me entrego [...] ao sonho de uma arte que não lamente sua insuperável indigência e seja orgulhosa demais para **a farsa do dar e receber**. [grifo meu] (Beckett, *GE IV*, p.177).

No "diálogo" forjado acima, o movimento de Beckett — que não pretende legar nada — e o gesto wittgensteiniano — de sugerir que devemos deixar tudo como está — podem levar à falsa impressão de que o que ali se sugere é a adoção de uma postura conformista.

Mas essa é apenas uma das pistas falsas que, na leitura aqui feita, devem ser repensadas. Outra dessas seriam as reiteradas declarações feitas por Beckett ao negar sua relação com a filosofia. É claro que não pretendo aqui classificá-lo como filósofo, seus textos são ficcionais. No entanto, seu conhecimento de textos filosóficos é inegável, como atestam, por exemplo, o fato de o autor ter baseado uma de suas primeiras publicações — o poema "Whoroscope" — em fatos da vida de Descartes, e as muitas alusões encontradas nas escolhas que faz ao nomear personagens e narradores.

¹ §124 *Die Philosophie darf den tatsächlichen Gebrauch der Sprache in keiner Weise antasten, sie kann ihn am Ende also nur beschreiben. Denn sie kann ihn auch nicht begründen. Sie läßt alles, wie es ist.*

A *ficção pensante*, "*poesia filosófica*", de Beckett, nesta tese, dialoga com a *filosofia poética* de Wittgenstein (1989, p.24), para quem "a filosofia realmente deveria ser escrita apenas como uma *composição poética*". Reforça esta inclinação, a sua declaração de que "[s]e o que desejo ensinar não é uma forma correta de pensar mas antes um novo movimento de pensamento (...) chego então a Nietzsche e à opinião de que o filósofo deve ser um poeta."²

Aproximam-se as duas escritas pois por *abalarem* a linguagem, por nos incitarem a experimentar os abalos intrínsecos ao *lugar onde estamos*; por serem, nesse sentido, *escritas performativas*.

Assim, esta visada, ao propor que cheguemos justamente ao ponto em que já estamos, longe de remeter a algo estático, indica aceitarmos a vida como ela é, o que nada tem de pacífico — incluem-se nesta realidade os riscos inerentes às nossas práticas e à nossa participação, ativa, nos jogos de linguagem.

É com esse espírito que este trabalho se debruça sobre o estatuto de termos metalinguísticos, com especial interesse sobre os nomes próprios. Testa a hipótese de que, assim como percebida pelo senso comum, esta classe de palavras se presta com especial docilidade a reforçar uma visão representacionista da linguagem: aqui o nome, ali o nomeado. A recorrente constatação contemporânea da falência dessa visada convida a reflexões alternativas sobre o vocabulário metalinguístico e sobre os nomes próprios em especial — pois as tentativas de lançar um novo olhar sobre a compreensão da significação linguística esbarram na persistência de um vocabulário que traz consigo marcas da longa hegemonia daquela compreensão de linguagem.

A reflexão aqui proposta, desenvolvida a partir dos escritos de Wittgenstein e Beckett, concentra-se especialmente nos textos daquele que ficou conhecido como "o segundo Wittgenstein" e em quatro romances de Beckett — *Watt*, *Molloy*, *Malone Morre* e *O inominável*.

A escolha de tais autores e textos é sensível, por um lado, à fertilidade contemporânea das aproximações entre filosofia e literatura e, por outro, à especial atenção dedicada pelos dois à questão dos nomes próprios.

Mostra-se que, tomadas como contra signos, as escritas desses dois autores, dando a ver a um só tempo a errância dos nomes próprios e o seu paradoxal conservadorismo, acenam com a promessa de caminhos por onde diminuir o abismo que parece ainda separar *compreensões intelectuais* da

² Nachlass, 23 de maio de 1938, item 120, p. 145R; citado em Schalkwyk, D. "Wittgenstein's imperfect garden". In: Gibson e Huemer (org.), 2004, p.73.

linguagem como práxis desprovida de fundamentos e a sua efetiva *vivência* como tal.

Lancemo-nos por esse percurso, então, acompanhados de um "poeta que não quer ser filósofo" e de um "filósofo que quer fazer filosofia em forma de poema", sem certezas absolutas, mas aproveitando os passos e obstáculos intrínsecos ao caminho.

Mas chega de palavras e vamos em frente com o jogo feito para perder, faz bem para a saúde. Tudo o que tenho a fazer é prosseguir como se estivesse destinado a ver a lua do meado do verão. (Beckett, GE II, p.74)